

● CONFERÊNCIA

MADEIRA NA “PRIMEIRA DIVISÃO” DA TRANSIÇÃO ECOLÓGICA E DIGITAL



Iniciativa organizada pela Direção Regional dos Assuntos Europeus juntou vários parceiros da Macaronésia. FOTO: RU SILVA/APRESS

TÂNIA COVA
tcova@dnnoticias.pt

A Região, numa iniciativa organizada pela Direção Regional dos Assuntos Europeus, acolheu a 2.ª Conferência da Macaronésia dedicada ao tema “Crise Pandémica, Mobilidade e o Futuro do Turismo na Macaronésia: Transição Ecológica e Digital”.

Este encontro entre membros dos governos e organizações da Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde contou, na sessão de abertura, com o secretário regional de Finanças, Rogério Gouveia, que explicou que o arquipélago madeirense há muito vem dando passos nestas áreas, estando previsto um investimento na ordem dos 251 milhões de euros,

no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência.

“Diria, utilizando uma linguagem futebolística, que estamos na primeira divisão. Porque ainda antes do impacto da pandemia da Covid, a Região, quer na área da transição digital, quer na área da transição climática, vinha já desenvolvendo projectos estratégicos tendo em vista alinhamento com aquelas que são as próprias directrizes da União Europeia”, apontou.

Aliás, pelo facto de o relacionamento com o cidadão já ser uma prioridade antes da pandemia, foi uma arma importante no sentido de adaptar rapidamente a administração pública para o trabalho remoto. “Se não tivéssemos feito esse investimento público atempadamente, eventualmente, a nossa recepção na

CONFERÊNCIA DA MACARONÉSIA PROMOVE SINERGIAS PARA ULTRAPASSAR DIFICULDADES

manutenção dos serviços públicos não teria sido tão eficaz”.

Rogério Gouveia explicou que as directrizes que apura surgiram e “ganham maior foco e relevância em consequência dos mecanismos de reacção à pandemia” já fazem parte das directrizes e orientações da União Europeia e “a Região vinha por esse motivo, não só, mas também, implementando ferramentas e projectos estratégicos tendo em vista a digitalização e a transição climática, que por termos uma região ultraperiférica é um diferencial que assimilamos desde logo”.

No que concerne à reunião, que para além dos conferencistas madeirenses, contou com várias personalidades dos Açores, das Canárias e de Cabo Verde, o secretário regional disse que faz todo o sentido per-

ceber “dentro de cada uma destas regiões como podemos atrair sinergias que são importantes, tendo em vista a localização geoestratégica que as regiões da Macaronésia têm para a presença da Europa no Atlântico”.

O primeiro evento, deste programa específico da União Europeia que visa aumentar a integração e a cooperação entre as ilhas da Macaronésia, foi dedicado ao tema dos Transportes e realizou-se nos Açores, em Abril de 2021, em formato on-line.

“Partilhámos a proximidade, mas também desafios comuns”, sublinhou, ontem, Pedro Faria e Castro, subsecretário regional da Presidência dos Açores, numa intervenção à qual se seguiram Juan Francisco Trujillo, director-geral de Relações Exteriores do Governo de Canárias e Alcides de Barros, coordenador do Secretariado Executivo da Parceria Especial de Cabo Verde com a União Europeia, que destacaram a importância deste debate sobre as particularidades e as vulnerabilidades de cada região.

Este debate de temas da actualidade, com impacto nos quatro arquipélagos desta área geográfica, decorre no âmbito do projecto INTERREG “Programa de integração de mercados e desenvolvimento da vizinhança económica e social da Macaronésia” enquadrado no Programa de Cooperação INTERREG MAC 2014 – 2020.

É preciso “construir um índice de vulnerabilidade”. E da discussão foram surgindo ideias. “Não se podem tratar regiões distintas de maneira igual”, disse o presidente da Associação Comercial



Decisões da Madeira asseguram posicionamento do sector.

e Industrial do Funchal, Jorge Veiga França, desafiando a União Europeia a olhar para as regiões insulares da Macaronésia com outro olhar.

Depois de lembrar a dificuldade em encontrar mão-de-obra para vários sectores de actividade, mais ainda se especializada, o responsável frisou a importância de diversificar o modelo económico das ilhas, mas disse que isso nunca poderá ser feito com o abandono da actividade turística.

Luís Fernando López, da Câmara de Comércio, Indústria e Navegação de Gran Canária, focou na “fragilidade das empresas perante uma crise desta natureza” e considerou que, numa altura em que a Europa perde mercado para a Ásia, o E-commerce será uma tendência. Os “preços dos transportes via marítima” foram apontados como impeditivos à evolução do comércio das regiões.

A dependência ao transporte aéreo e a vulnerabilidade da ultraperiferia esteve, por sua vez, em foco na intervenção de Mário Fortuna, pre-

2.ª Conferência da Macaronésia foi dedicada ao tema “Crise Pandémica, Mobilidade e o Futuro do Turismo na Macaronésia: Transição Ecológica e Digital”



sidente da Câmara de Comércio e Indústria de Ponta Delgada. “A vulnerabilidade ao transporte aéreo era já uma circunstância conhecida antes da pandemia, mas foi durante este fenómeno que pudemos constatar quanto vulnerável realmente são as regiões face a este meio de transporte”. O aporiano defendeu a criação de um “índice de vulnerabilidade das regiões insulares da Macaronésia”, para que as autoridades possam, através de dados concretos, avaliar os efeitos das crises.

A presidente do Conselho Directivo do Instituto de Gestão da Qualidade e da Propriedade Intelectual de Cabo Verde abordou a dependência ao mercado internacional e as quedas avultadas das receitas, mas ainda face aos encargos da dívida pública. Ana Paula Spencer falou da pandemia, mas também dos efeitos da seca e dos impactos nos rendimentos das famílias de zonas rurais. Em 2020, 20% das empresas cabo-verdianas suspenderam a sua actividade.

VISÃO NO COMBATE À PANDEMIA TEM PERMITIDO RECORDES

■ Coube ao secretário regional de Turismo e Cultura encerrar a conferência que, ao longo de todo o dia, juntou membros dos governos e parceiros na procura pela melhor estratégia para as regiões insulares da Macaronésia. Eduardo Jesus deu nota do bom trabalho feito pela Madeira no combate à pandemia e que se reflecte nos números do turismo.

Se todos tivessem apostado nos “testes na origem” boa parte do problema poderia ter sido resolvido, afirmou, acusando alguns países de “falta de coragem e de visão” na implementação de restrições, isto quando a Madeira tomou uma decisão difícil, mas que se veio a mostrar muito acertada, que foi o controlo da acessibilidade dos portos e dos aeroportos.

Para o governante, os “elos criados entre o decisor público e privado” foram apontados como fundamentais para o momento actual. A Madeira não baixou os preços. Pelo contrário. O manual de boas práticas e o certificado contra os riscos biológicos são outras medidas decisivas para um sector que representa 26% do PIB regional e que emprega directamente mais de 20 mil pessoas.

A pandemia serviu, entre outros aspectos, para mostrar o peso do sector do turismo na economia regional. “Quando este sector parou a economia parou”, lembrou. Houve, no entanto, algumas circunstâncias positivas que se traduziram na implementação de medidas que, de outra forma, ainda estariam adidas.

Hoje o posicionamento do nosso destino turístico sai reforçado e a segurança é um factor preponderante para a escolha dos turistas. Temos 74 rotas a operar e em Agosto de 2021 ultrapassamos, pela primeira vez, os 50 milhões de euros de proveitos totais. “Nunca se tinha quebrado esta barreira num só mês”. Também o RevPAR para o referido mês atingiu os 72,43 euros.

“A GRANDE DÉCADA” PARA REVERTER AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

■ O Pacote “Fit for 55”, um conjunto de propostas destinadas a reverter e actualizar a legislação da União Europeia e a criar novas iniciativas com o objectivo de assegurar que as políticas da UE estejam em consonância com os objectivos climáticos acordados pelo Conselho e pelo Parlamento Europeu, esteve ontem em análise na 2.ª Conferência da Macaronésia.

Ana Cristina Rodrigues, directora regional do Ambiente e Alterações Climáticas do Governo Regional dos Açores, começou por explicar

que estamos perante metas muito ambiciosas para implementar até 2030. A governante observou que a “pegada ecológica varia consoante as ilhas e o tipo de ofertas ao dispor dos passageiros”. Idealmente aumentar a estadia do turista poderia reduzir esta pegada sobretudo ao nível dos transportes.

No sector da aviação, em concreto, há que promover a transição de combustíveis fósseis para combustíveis sustentáveis (sustainable aviation fuel SAF). Actualmente estes representam

apenas 0,05% dentro da UE. Nuno Jesus, Coordenador do Observatório do Transporte Aéreo da RAM, que foi criado para monitorizar todo o sector do transporte aéreo, sobretudo na Região Autónoma da Madeira, defendeu a implementação de estratégias “consistentes” para a redução das emissões de CO2. Sobre o SAF, explicou que este combustível não obriga as companhias a mudar frotas. “Os motores das aeronaves podem até consumir até 50% de SAF misturado com jet fuel convencional”.

O coordenador falou também da necessidade de uniformizar o “princípio do poluidor pagador”, nomeadamente junto das companhias não europeias.

Para José António Valbuena, Conselheiro de Transição Ecológica, Leite Contra a Mudança Climática e Planificação Territorial do Governo de Canárias, as regiões estão especialmente sensíveis às alterações climáticas, sendo estas factor de decisão quando da procura turística. Ou seja, o cuidado com a acção climática vai contribuir para aumentar

tar a procura turística, porque uma grande maioria dos turistas procura “ilhas verdes”.

O responsável denominou este período (2020-2030) de “a grande década”, por representar o momento desta geração reverter a situação climática actual. Falou também da necessidade de “passar do voluntariado” para dar “espaço às obrigações”. Não esqueceu, em última análise, as crianças, para que ninguém (público e privado) se demita do seu papel ambiental.